

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS RUMO À ECOEDUCAÇÃO: PERCORRENDO AS NEOPAISAGENS CONTEMPORÂNEAS

**Elis Rejane Santana da Silva¹, Maria Cleonice Vergne² e José Ivaldo
de Brito Ferreira³**

¹Docente do Curso de Graduação em Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: eliss@hotmail.com

²Docente do PPG EcoH / UNEB / Campus VIII
E-mail: mvergne@hotmail.com

³Superintendente de Políticas e Planejamento Ambiental da SEMA. Mestrando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental / UNEB
E-mail: ferreira@sema.ba.gov.br



RESUMO

Analisa o panorama contemporâneo em seus muitos cenários que se estruturam no campo da sociedade, da educação e da preservação ambiental, circulando entre aspectos de dominação, estereotipia e preconceitos de toda natureza que se entrincheiram e afetam à queima roupa, homens mulheres, homoafetivos, índios, negros; enfim, sertanejos do semiárido baiano. Procura, primeiramente, analisar o papel da Ecologia Humana como veículo de transposição para a construção de uma sociedade sustentável, enquanto transcorre a itinerários que perpassam os arredores de nossa líquida sociedade, em tempo que desliza por ambientes educacionais, os quais, a nosso ver, têm papel fundamental de alavanca social nessas profundas transformações que se faz imperativa. O nosso principal herói que percorrerá as arquiteturas dos novos tempos será cada um de nós, cujo caminhar evolutivo precede a um mergulho em uma nova realidade mundial e em si próprios, cujos sentimentos descartáveis se aliam ao desejo de pertencimento e de cruzamento do “velho” ao “novo mundo”, rumo a Ecoeducação.

Palavras-chave: Sociedades líquidas. Ecologia humana. Ecoeducação.

TREADING A NEW JOURNEY TO ECOEDUCATION: WALKING THROUGH NEW LANDSCAPES

ABSTRACT

Examines the contemporary landscape in its many scenarios that are structured on field of society, education and environmental protection, moving between aspects of domination, stereotyping and prejudices of any nature that is entrenched and affect the burning clothing, men, women, homosexual, Indians, black, short, semi-arid hinterland of Bahia. Search first analyze the role of Human Ecology as a vehicle for implementing the construction of a sustainable society, takes place while the routes that traverse the net around our society, time slips by educational environments, which, in our view, has a role as leverage in these fundamental social transformations that deep is imperative. Our main hero who will cover the architecture of the new times will each of us who walk the rolling precedes a plunge into a new world reality and of themselves, whose sentiments disposables are allied to the desire of belonging and crossing the “old ” to “New world ”, towards Ecoeducação.

Keywords: Corporate net. Human ecology. Ecoeducação.

1 INTRODUÇÃO

A entrada do século XXI nos traz a incerteza do novo. Nesse quadro, a história avança de forma contundente, e dela decorrem inovações, paradigmas, teorias e, sobretudo, novas utilizações de extensão da memória que desembocam na utilização de recursos oriundos desta gama global, do texto, do contexto e do hipertexto. Neste momento dinâmico e dinamizador, provocado pelo surgimento das crises, o suposto “velho” vem sendo empurrado pelo epidêmico e contagioso “novo”, que o arrasta impiedosamente, como uma onda avassaladora. O novo se estabelece e, com ele, o medo, a dúvida, a desestabilização da certeza.

Aprendemos, com o século XX, a visão de universo obediente a uma ordem impecável, que deve ser substituída pela certeza do jogo da dialógica, no qual, o medo e a incerteza vêm cedendo lugar à necessidade inexorável de acompanhar a evolução do tempo.

Nesse contexto mundializado, surge, nos escombros do pensamento moderno, uma avalanche de posturas, condutas, paradigmas que, definitivamente, colocam o homem no centro das decisões sobre os descaminhos de sua evolução pessoal, bem como sobre os rumos do planeta terra.

A voracidade do sistema capitalista, cujas bases econômicas baseiam-se em extrair de *Gaia*¹ o máximo de recursos que possam gerar riqueza e energia, conduz todos os tripulantes desta nave aos suplícios de uma terra devastada por catástrofes climáticas influenciadas pela ação de gases antrópicos. Seu solo, outrora fértil, torna-se cada vez mais árido, por razão da desertificação. Seus rios morrem lentamente, enquanto suas águas, repletas de resíduos sólidos, arrastam, pelas encostas, casas construídas de sonhos à beira dos precipícios, soterrando seus moradores com barro e lixo que se acumula diariamente.

Por outro lado, o mundo avança. As tecnologias tornam-se cada vez mais aproximadas ao corpo humano e cada vez mais se tornam objetos de extrema necessidade e dependência.

Os debates sobre preservação e sustentabilidade estão nas agendas mundiais, contudo nada de mais contundente se tem feito para amenizar o caos instaurado nessas neopaisagens.

1 Gaia- Deusa grega que representa a terra, hipótese idealizada por James Lovelock, cujas bases conceituais refere-se ao planeta terra como um único e complexo organismo vivo, com capacidade de autoregulação. (MOUSINHO, 2003).

A escola, ali, está assentada em seus “velhos” conceitos e espia, de longe, embaçadada, a velocidade de nosso tempo, de pernas bambas, esperando seu momento de atuar (se é que pode). Tomando a acepção de escola como ‘lócus’ privilegiado para a efetuação e sistematização do conhecimento, ela se mantém, muitas vezes, muda ante os ataques da sociedade. Esta julga aquela despreparada para atuar de forma representativa, de modo a atender as demandas que a nova sociedade impõe, no sentido (contraditório) de legitimar as desigualdades em detrimento da democratização do conhecimento, numa tentativa de inserção social, com fins a contribuir para o surgimento de uma sociedade mais justa e equilibrada.

A escola, ao buscar construir-se as demandas das teorizações do complexo com referência ao contexto local e ao global, parafraseando Recanatti (apud MORIN, 2000), deve mobilizar a inteligência local, fazendo amplo apelo ao conhecimento do mundo, sem se perder das raízes, enquanto alça voos com asas fornecidas pelo novo aparato tecnológico.

Diante desse contexto, a promoção da inteligência geral dos indivíduos, a “educação do futuro”, deve, de forma sistêmica, apontar caminhos na utilização de conhecimentos pré-existentes de forma a “superar as antinomias” decorrentes dos novos paradigmas, que já se encontram previamente instalados. Isso, mesmo sem a nossa consulta, desejo, convidando-nos (obrigando) a, de certo modo, e ao menos, debruçarmo-nos sobre a discussão (MORIN, 2000).

É notório que a escola (repetimos: notem escola como todos e quaisquer lócus privilegiado de saber) precisa apropriar-se das ferramentas e da nova maneira de pensar. O processo educativo, seja ele presencial seja a distância, supõe processos de superação de uma realidade unilateral, tornando o ensino democrático sem fronteiras, eliminando as rupturas de um modelo tradicional laico e enfadonho. Como nos afirma Nóvoa (1992, p. 41):

Todos concordam, hoje, que a sociedade do conhecimento deverá valorizar muito a informação e os profissionais e instituições a elas associadas incluindo a escola e o professor. Só que, certamente, não será valorizada a escola da era da indústria. Na era da informação seu papel passará por mudanças profundas. Não se pode mais preparar alunos e professores em série. [...] Tempos virá que a sociedade necessitará de outras escolas.

Instaurado o panorama preliminar, volta-se a algumas questões que parecem importantes ao debate:

- Como inverter a dinâmica de uma educação que hoje se constitui um fator de legitimação das desigualdades?
- Como validar a inter-relação da preservação ambiental e da temática de desenvolvimento sustentável, num sistema econômico respaldado pelas bases capitalistas da economia?
- Existe vinculação entre educação, desenvolvimento sustentável e preservação ambiental na estruturação das transformações sociais?

A discussão proposta neste texto tem a finalidade de analisar este panorama contemporâneo, a fim de levantar questionamentos frente às discussões presentes em nosso tempo: A revolução tecnológica, as relações líquidas de comportamentos estereotipados diante às diferenças, a educação (enquanto aspecto relevante na formação do indivíduo na garantia de sua inserção com equidade às novas demandas) e o desenvolvimento sustentável e da preservação ambiental.

Além dessas questões, lançam-se outras que colocam o grande desafio para educação, que é o de mobilizar suas forças para reconstruir uma convergência entre o potencial tecnológico e os interesses humanos. O universo da educação no Brasil, somados alunos, professores, representa um número aproximado de 40 milhões de pessoas. O peso atual do conhecimento no planeta e da educação nos processos de reprodução social pode constituir uma poderosa alavanca social ou de legitimação das desigualdades. Contudo, deve-se ressaltar que este novo desenho mundial, nos faz crer, no aparecimento de um novo chão para os antigos sapatos, no sentido de apontar caminho salutar. E na verdade, a instabilidade e certa estranheza se apropriam das esferas educacionais, na aceitação de um paradigma que emerge das novas construções e derruba por terra, outro, que a muito se constitui local confortável.

Por essas e outras questões, há uma elevação, a patamares exorbitantes, das discussões sobre a temática aqui levantada, tomando como argumento a escola e a educação, que, a nosso ver, deve migrar a uma Ecoeducação, como elemento que satisfaz as exigências cruciais, urgentes e emergentes, mesmo tendo a escola num contexto de críticas (severas).

Se, por um lado, existe a necessidade em absorver a evolução; por outra, há a constatação da impotência, no sentido da aplicação da mesma num país atravessado por questões tão conflitantes de natureza econômica, política e social, abrindo abismos, ainda mais contundentes, entre ricos (detentores de recursos tecnológicos e que abarrotam suas contas bancárias pela utilização de

recursos naturais até os exaurir) e pobres (que dificilmente terão acessos aos tais recursos). Podemos observar que esses dois avatares coabitam!

A neopaisagem está posta. O que nos resta é trilhar por esses novos cenários, criticá-los, questioná-los a ponto de construir novos caminhos ou, ao menos, um novo jeito de caminhar. Avante!

A Ecologia Humana e o debate de Meio Ambiente e Sustentabilidade: uma primeira paisagem

O conceito de ‘Ecologia Humana’ foi formulado por Haeckel em 1866, contemporâneo de Max e Darwin, que extraiu o termo grego “oikos” (casa) e “logos” (estudo ou conhecimento). Isso nos revela que, quando o mundo ainda não tratava de “sustentabilidade”, Marx já falava, em outras palavras, sobre a importância do consumo consciente, de uma economia equilibrada, da justiça social e da manutenção da qualidade do meio ambiente.

Embora a ecologia tenha permanecido fortemente enraizada em conceitos biologizantes, ela emergiu desta como uma área essencialmente nova e integrativa, que liga processos físicos e biológicos, formando uma ponte entre as ciências naturais e as ciências sociais. Numa abordagem epistemológica, a ecologia migra de uma concepção antropocêntrica, para uma concepção holística.

A dita abordagem em níveis múltiplos e escala ampla envolve sistemas inteiros de educação e inovação e vê a necessidade de desvendar explicações sobre causa/efeito, por meio de diversas áreas do conhecimento e, entre elas (alcançando o entendimento transdisciplinar), que foi chamada de conciliência, ciência da sustentabilidade, ciência integrativa. Ademais, o desenvolvimento continuado da ecologia (o estudo da casa ou do lugar em que vivemos), provavelmente evoluiu à tão necessária ciência integrativa do futuro: A Ecologia Humana.

A Ecologia Humana não é um campo consolidado e, sim, em processo de construção. Pressupõe a compreensão integrada do homem com o meio ambiente, obviamente incluindo os seus semelhantes como a ele próprio.

Considera, também, que, enquanto o homem não for capaz de cuidar de cada metro quadrado em que vive, bem como das suas necessidades físicas, emocionais e culturais, dificilmente poderá participar, de forma consistente, e da preservação da vida, do meio ambiente e do planeta de forma mais abrangente. E a base para tal é o desenvolvimento da ética individual que culminará no desenvolvimento de um sistema ético global.

Essa dinâmica de interação mobiliza múltiplas áreas do conhecimento humano, incluindo princípios metafísicos. Por esta razão, é possível restabelecer formas de adaptação entre o homem e os ecossistemas, no sentido de ajudar aquele a encontrar o equilíbrio, na temerária exploração de recursos naturais, nas relações humanas e nos princípios de preservação; criando, deste, modo um “hólón” propício à preservação da vida, para as sociedades atuais e futuras.

É fato que atravessamos período histórico, cujas crises globais ameaçam o equilíbrio da biosfera; conseqüentemente, da vida humana, alguns deles podendo ser irreversíveis. Prova disso são os processos de intensa desertificação em espaços semiáridos do nordeste brasileiro, especialmente o bioma Caatinga. Com efeito, faz-se urgente que ações sejam sistematizadas, com base na Ecologia Humana e no desenvolvimento socioambiental sustentável, a partir das relações entre sertanejos e sertanejas, na garantia de suas etnoidentidades e em suas interrelações dos “etno” nas “oikos” (SANTOS, 2005).

Não obstante, Kant (apud BAUMAN, 2004, p. 149) dois séculos atrás, afirma,

[...] “Nosso planeta é uma esfera”, e extraiu conseqüências deste fato reconhecidamente banal: como permanecemos na superfície desta esfera e nela nos movemos, não temos outro lugar para ir e, portanto estamos destinados a viver para sempre na vizinhança e companhia de outros.

Analisando sob esta ótica, não há saídas, senão adotarmos uma ação mais sistêmica diante deste “ser esférico”, cujas catástrofes afetam a todos, sem distinção de cor, raça, credo e poderio econômico.

É também objeto da Ecologia Humana reconhecer o indivíduo como parte integrante do ecossistema e, por esta razão, aquele poderá mudar os rumos deste mesmo ecossistema no sentido de permitir que seus descendentes possam usufruir de todos os recursos disponíveis no planeta. Isso, tomando o indivíduo como sujeito, homem, mulher, em suas idiosincrasias pessoais, sexuais, religiosas e transcendentais.

Indivíduos que vivem em uma era da erotização, da segregação, do isolamento, como nos aponta Morin(2000, p. 16),

A fórmula do poeta grego Eurípedes, que data de vinte e cinco séculos, nunca foi tão atual: “O esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho”.O abandono das concepções deterministas da história humana que acreditavam poder predizer nosso futuro, o estudo dos

grandes acontecimentos e desastres de nosso século, todos inesperados, o caráter doravante desconhecido da aventura humana devem-nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo. É necessário que todos os que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante a incerteza de nossos tempos.

Segunda paisagem: um mergulho raso nos mundos líquidos

Se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então esta modernidade está morta. (MORIN, 2000).

Nossos primeiros habitantes, o *Homo sapiens*, o homem do paleolítico superior, fortes com altura aproximada a 1.80m, viviam, essencialmente, da caça, da coleta de alimentos e, para garantir sua sobrevivência, dependiam da parceria exercida entre homens e mulheres.

Durante muito tempo, creditou-se ao homem a efetivação da sociedade patriarcal, porém indícios de estudos arqueológicos demonstram que a pré-história não se movia por esse modelo, o que leva a crer que, se não patriarcal, então matriarcal. Contudo, não há sinais de subordinação do homem. O fato desta etnopaisagem é reafirmar que os processos de dominação masculina, não nasceram com o "homem" ou com a "mulher", e, sim, algo que vem sendo socialmente construído, ao longo dos séculos.

O mundo moderno em suas exigências econômico-sociais trouxe à luz a divisão sexo/poder, o que corrobora Bourdieu (2002, p. 18):

A ordem social funciona com uma imensa máquina simbólica que tende ratificar a dominação masculina sobre qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, a casa reservada às mulheres.

Nos últimos dez anos, têm-se observado níveis de regressão do indivíduo. O fim do estruturalismo trouxe em seu bojo, como coloca Santos (1989, p. 18): "[...] a revalorização das práticas e dos processos e, nuns e noutros, a revalorização dos indivíduos que os protagonizavam". Contudo, observa-se, neste ponto, o surgimento da exposição da vida privada, o consumismo e o narcisismo dos modos de vida sociais e afetivos, a banalização dos sentimentos, as pessoas

encaradas como “coisas” que possam ser descartadas, a complexidade do ser, do assumir-se e conseqüentemente de assumir o outro como nos aponta Bauman.

A modernidade produziu desde o início, e continua a produzir enormes quantidades de lixo humano,

[...] Mas as conseqüências potencialmente desastrosas da acumulação do lixo humano foram, por boa parte da história humana, evitadas, neutralizadas ou ao menos mitigadas graças à outra inovação moderna: a indústria do manejo do lixo. Ela cresceu porque ambas as partes do globo se transformaram em aterros sanitários para onde os “excedentes da humanidade”, o lixo humano produzido nos setores do planeta em processo de modernização, podiam ser transportados para serem tratados e descontaminados, afastando assim o perigo de autocombustão e explosão. (BAUMAN, 2004, p. 148-149).

Dessa maneira, o indivíduo parece ser muito mais individual e isolado do que nunca, perdido e “encontrado” pelas redes da informática, onde quer que esteja. Embora cedendo aos individualismos de seu tempo, sua vida íntima nunca foi tão pública, sua vida sexual nunca tão “codificada”, estereotipada, sua liberdade nunca foi tão enclausurada, seu trabalho tão subjugado. No que Guattari (1990, p. 8) é enfático:

É a relação da subjetividade com a exterioridade – seja ele social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamentos.

Na efervescência contemporânea, outros elementos seguem como ingredientes deste caldeirão escaldante, estabelecem as discriminações étnicas, de gênero, de preferências sexuais, de gerações, gerando conflitos, dominações e de maneira excludentes de ver e se comportar com o outro: segregação, colonização, escravidão, luta pelo poder.

É correto, até estimulante e ao mesmo tempo maravilhoso, que o sexo seja assim libertado. O problema é mantê-lo no lugar quando o lastro foi lançado ao mar; como mantê-lo na forma se não se dispõe mais das estruturas. Voar trás contentamento, voar sem direção causa estresse. A mudança é jubilosa; a volatilidade, incômoda. A insustentável leveza do sexo? (BAUMAN, 2004, p. 64).

Esta é a paisagem que nos obscurece a visão atual: Mulheres que carregam os preconceitos que tal “condição” traz, aliada à outra “subcondição”, ser originalmente fruto do semiárido baiano e, com ele, a subordinação como algo arraigado no âmago do contexto sócio-cultural da sociedade. E é, nessa sociedade patriarcal, marcada por linhas visivelmente divisórias, onde de um lado, está o contingente masculino voltado às esferas públicas e, de outro, nos recônditos de seus lares, o confinamento das mulheres, atuando nas esferas domésticas. Todavia, embora subordinadas, elas não estão destituídas do poder, muito embora aja de forma invisível, tornando deste modo implícito o seu poder.

A afirmação das mulheres como elas mesmas vem tomando corpo e emergindo-se nos cenários atuais, muito embora comportamentos de estereotipia e preconceitos ainda se fazem presentes, uma vez que neste universo polarizado entre as classes que determinam o empoderamento do masculino em relação ao feminino, ainda resistem aos novos modelos de identidade, como nos confirma Hall (2006, p. 30), “Emergiu, então, uma concepção mais social do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e “definido” no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna”.

Num mundo marcado pela dissolução das fronteiras, dos espaços físico-geográficos e de re-elaborações temporais, as “velhas” certezas hierarquizadas das identidades passam a ser revistas. Hall é enfático ao afirmar que “[...] a globalização, tem sim o efeito de contestar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional [...]”. (HALL, 2006, p. 93).

No que Capra (2002, p. 271) reitera,

Desafiando a ordem e o sistema de valores patriarcais, o movimento feminista chegou a uma nova compreensão da masculinidade e da “pessoalidade” que não depende da associação da virilidade com posse de bens materiais. No seu nível mais profundo, a consciência feminina baseia-se no conhecimento existencial que as mulheres têm do fato de que todas as formas de vida são interligadas, de que a nossa existência está sempre inserida nos processos cíclicos da natureza. Por isso a consciência feminista tem por foco a busca da satisfação nos relacionamentos, e não na acumulação dos bens materiais.

E por falar em direitos, o termo ‘mulher’ vem recheado de considerações contraditórias e associado a este outro elemento, que, por sua vez, também está cercado de preconceitos e estereótipos, além de limitações e segregação: As mulheres sertanejas especificamente do semiárido baiano.

O lugar da educação contemporânea diante dos vislumbres de uma Ecoeducação

Parafrazeando Morin (2000), se o século XX foi caracterizado pela produção industrial dos bens e do consumo duráveis e tangíveis, o século XXI se caracteriza por ser o século da informação, da sociedade do conhecimento e, por conseguinte, dos bens intangíveis.

Não há, aqui, nenhum “futurismo” pretensioso ou algum “pedagogismo” relutante, oriundo das escolas tecnicistas. O que há, é uma preocupação com as medidas práticas que se tornam necessárias, e cujo tema, se configura nas agendas mundiais. Não se pode mais admitir o reducionismo e a simplificação da educação formal, incompatível com a arquitetura que nos acena a modernidade. Na realidade, as diversas formas e canais de organização e transmissão dos conhecimentos já existente devem migrar do modelo em que o conhecimento era trabalhado por um segmento especializado da sociedade, a outro, no qual o conjunto das atividades humanas se torna intensivo em conhecimento, como nos acrescenta Guattari (1990, p. 7): “O planeta terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais se engendram fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida humana e sua superfície”.

A pressão por um nível mais elevado de conhecimento atinge os setores da agricultura, indústria, bancos, saúde e, sobretudo, o educacional, cuja missão atual é conduzir os conhecimentos gerados no seio educacional, às esferas sociais e ao “mundo do trabalho”. Trata-se de vincular o conhecimento às práticas, num movimento espiral entre o saber, o fazer, e o saber-fazer, num constante *savoafeir*.

Chauí (2000) caracteriza estes “novos tempos” em que a cultura surge a partir do momento em que os indivíduos interpretam-se a si mesmos e às suas relações com a natureza, atribuindo a esta, novas construções, sentido, leituras, significações, interagindo, intervindo e através do próprio trabalho, acrescentando valores. Desse modo, a educação vê a necessidade de acompanhar um novo ritmo, um novo sentido e a mudança pragmática se tornam eminente.

Todas as indagações realizadas no final do século XX se perpetuam e prometem intensificar-se ao longo do novo século e constituírem-se forças transformadoras, porém como nos aponta Morin (2000, p. 74), “[...] a verdadeira transformação só poderia ocorrer com a intertransformação de todos, operando assim umas transformações globais, que retroagiria sobre as transformações dos indivíduos”.

Como se não bastasse, submergem deste oceano, outros paradigmas, prontos a serem lançados nesta 'naus da modernidade': Educação Ambiental. Mas, a propósito, que educação?

O que hoje surge na qualidade de processo de ensino constituiu, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade no que concerne à educação. É um desafio, porque o universo de conhecimentos está sendo revolucionado tão profundamente, que não há formas de intimidar qualquer tipo de adesão.

A mudança hoje é uma questão de sobrevivência, e a contestação a isso está para além das exigências legais, notadamente evidenciadas nas resoluções governamentais para a educação. Ademais, apresenta-se na ponta desta linha, em que se encontram acomodados ainda nos "velhos sapatos", que não mais acomodam os pés, alunos e alunas que cresceram diante das atuais transformações. Estão ante esse relevo de insatisfações de uma ciência e educação, frias, apáticas, descontextualizadas, convenientes a alguns, insuficientes a outros, tentando-se rever e encontrar-se nesses espaços escolares, conjuntamente com os diversos autores e atores do sistema educacional. A oportunidade, neste momento em que matéria-prima da educação está se tornando recurso estratégico ao desenvolvimento moderno, concomitantemente aos processos de desenvolvimento do conhecimento científico – vale dizer – nunca esteve tanto no centro dos processos de transformações sociais. Sobre isso, acrescenta-nos Gadotti (1992, p. 44-45),

Isto não significa que não existam tendências opostas e até antagônicas na sociedade: de um lado, existe uma forte tendência, fundada numa perspectiva neoliberal e neoconservadora, que reduz a escola e a sua qualidade à competitividade e, de outro, uma tendência concreta, surgindo na base da sociedade e que chamamos de "educação cidadã", fundada numa visão democrática e participativa da educação.

Frente às transformações sociais de todo o tipo, que varrem o planeta de forma agregadora ou não, o território educacional permanece um tanto quanto anestesiado e dissociado do movimento em direção ao desenvolvimento, hoje essencialmente concentrado nas empresas transnacionais. E a educação, estaria inerte aos apelos e enfrentamentos, sendo, em essência, o mecanismo que pode avançar no sentido de inverter essa lógica e influir decididamente sobre o desenvolvimento, como elemento transformador de inserção. A educação efetiva se faz em ações como as que fomentam a educação cidadã proposta pelo educador Paulo Freire, cujo objetivo é apoiar-se na lógica da solidariedade, em que os diversos atores - professores e alunos - devem integrar-se a um fazer

ecopedagógico, comprometido com os sujeitos e com o planeta. Ainda nos reportando a Gadotti (1992, p. 48):

E não se trata de reduzir à escola as pedagogias atuais a uma tabula rasa e construir por cima de suas cinzas a escola ideal e a ecopedagogia. Não se trata de uma escola e de uma pedagogia “alternativas”, construídas separadamente da escola e da pedagogia atuais. Trata-se, de, no interior delas, a partir a escola e da pedagogia que temos, dialeticamente, construir outras possibilidades, sem aniquilar as presentes. O futuro não é a aniquilação do passado, mas a sua superação.

Estamos certos de que pode haver muitas “alternativas” pedagógicas que deem conta desse “novo” fazer ecopedagógico. Assim, trazemos à luz a educação cidadã, por acreditar na linha tênue entre ela e o que é proposto pela Ecologia Humana, e pela ecosofia que costura a teia da complexidade do mundo contemporâneo pelo viés do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, cerne deste texto.

Ainda em Guattari (1990, p. 36),

Essa nova lógica ecosófica volto a sublinhar se aparenta à do artista que pode ser levado a remanejar sua obra a partir da intrusão de um detalhe acidental, de um acontecimento-incidente que repentinamente faz bifurcar seu projeto inicial, para fazê-lo derivar longe das perspectivas anteriores mais seguras. Um provérbio pretende que “a exceção confirme a regra”, mas ela pode muito bem dobrá-la ou recriá-la.

Uma tomada de atitude é eminente: Então, o que escolher? O peso ou a leveza? Foi a pergunta que Parmênides fez a si mesmo, no século VI. A.C.

Segundo ele, o universo está dividido em duplas de contrários: a luz e a obscuridade, o grosso e o fino, o ser e o não ser. Ele considera que um dos pólos de contradição é positivo e o outro é negativo. Essa contradição pode se aplicar à maioria dos conceitos, menos em um dos casos: O que é positivo, o peso ou a luz? (KUNDERA, 1996, p. 62).

É surpreendente como essa discussão vem se mantendo atual ao longo dos séculos, tento como representantes estudiosos, filósofos, políticos. Isso faz crer que ainda seja uma angústia, que atravessa o tempo e atinge nossa contemporaneidade. Então, o que escolher: abraçar o novo, considerando suas incertezas, segregação

e exclusão ou manter-se arraigados aos modelos sedimentados que aí estão? Há escolha?

Em outros termos, não se trata de fomentar sonhos de transformações imediatistas e revolucionários e padronizados. Trata-se de colocar o tema em debates mais permanentes, no que nos apóia Prado (1993, p. 99), que acrescenta: “[...] mudança de valores, de concepção, de idéias e, conseqüentemente de atitudes, não é um ato mecânico, é um processo reflexivo, depurativo, de construção e que implica em transformação e transformar significa conhecer”.

2 CONCLUSÃO

Retomando o caminhar, rebuscando novamente, em Morin, a marcha desenfreada das sociedades e civilizações em busca do progresso e do pleno desenvolvimento da ciência, da razão e da técnica, culminar numa grande crise, caracterizada, segundo ele como uma “crise planetária”. E ainda, “não possuímos as chaves que abririam as portas de um futuro melhor. Não conhecemos o caminho traçado. “El camino se hace al andar” (ANTONIO MACHADOapud MORIN, 2000, p. 115).

E é com essas palavras que entramos em guisas conclusivas, reverberando os esforços que se entrelaçam entre Ecologia Humana, Ecosofia, Ecopedagogia e que se convergem para criar novas arquiteturas para uma “Ecoeducação”, capaz de dar conta dessas novas paisagens com fins a desenhar esse novo chão para apoiar os pés já cansados e instituir este “novo cidadão”: homens e mulheres que, no seu fazer cotidiano, possam criar e recriar suas ecologias, num movimento holístico de preservação glocal e individual.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEAU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo, Cultrix, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez, 1992.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. Editora, 2006.
- KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Tereza B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- MOUSINHO, Patrícia. Glossário. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NOVOA, António (Ed.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992
- PRADO, M. E. B. B. Logo no curso de magistério: o conflito entre abordagens educacionais. In: VALENTE, J. A. (Org.). **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas, SP: Gráfica Central da Unicamp, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal. 1989.
- SANTOS, J. M. **Ecologia de homens e mulheres do semiárido**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2005.